

A CADEIRA DE LINGÜÍSTICA NO CURSO DE LETRAS

Notas ao artigo anterior

Publicamos com prazer a colaboração do Prof. Gomes de Matos, quer pelo valor das ponderações ali contidas, quer pela importância das obras citadas.

É desejo do Prof. Matos que suas palavras “tenham alguma ressonância e que alguns colegas se pronunciem a respeito”. Como êsse propósito de estabelecimento de diálogo afina com antigas pretensões nossas ¹, acudimos de bom grado ao apêlo de nosso Colega, alinhando aqui algumas considerações sobre a “Bibliografia Mínima para Professôres de Lingüística em Faculdade de Filosofia”.

Qualquer seleção bibliográfica revela uma orientação de curso e uma interpretação do papel da respectiva cadeira; eis porque me pareceu interessante partir dessa perspectiva. Em seguida, analisarei a contribuição do Prof. Matos e expenderei minha opinião

Diz o Parecer n.º 283/62 do Conselho Federal de Educação:

(...)

“A parte comum compreende Português, com a respectiva literatura, Latim e os conhecimentos básicos de Lingüística, necessárias às línguas vernáculas e estrangeiras. Esse “básico” é o que nos parece exequível em âmbito nacional, nada impedindo que a escola dê maior amplitude aos estudos lingüísticos. Exatamente por isto,

(1) Num estudo publicado nesta mesma revista, nº 3 (março de 1963) e intitulado «A Reforma dos Cursos de Letras» propus a debate, entre outras coisas, a situação e a amplitude da Cadeira de Lingüística, então criada.

aliás, foi que substituímos por “Linguística”, sem restrições ou ampliações, o título de “Introdução aos Estudos Linguísticos» que inicialmente havíamos apresentado” 2.

É patente, pois, a intenção de atribuir à Cadeira de Linguística a tarefa de transmitir aos alunos os conhecimentos fundamentais necessários ao estudo das línguas, num primeiro plano, ministrando numa segunda oportunidade um curso de “maior amplitude”, de acôrdo com os planos da escola.

A bibliografia indicada pelo Prof. Matos atende bem ao primeiro desideratum, porém parece deter-se mais no método descritivo, exceção feita dos números 4, 6, 8, 9 e 10. Certamente por tratar-se de bibliografia mínima, alguns títulos foram omitidos. Menos pela pretensão de indicar uma bibliografia completa, para o que existe quem mais capacitado, do que para expor minha visão do problema, indico aqui as partes que o curso de Linguística poderia compreender, e a respectiva bibliografia fundamental:

1) Introdução à Linguística, com a leitura dos manuais costumeiros, a fim de que o aluno possa ter uma visão de conjunto da ciência que estudará: Jean Perrot — **La Linguistique**, Paris, PUF, 1957 (Coleção “Que sais-je?” n. 570); J. Marouzeau — **La Linguistique**, 3ème. éd., Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1950; J. Vendryes — **Le Langage**, Paris, Albin Michel, 1950; A. Martinet — **Éléments de Linguistique Générale**, 2ème. éd., Paris, Armand Colin, 1961 3; P. Guiraud — **La Grammaire**, Paris, PUF, 1961 (Coleção “Que sais-je?” n.º 788); H. Arens —

(2) Esse Parecer fundamenta a Resolução que alterou a organização dos Cursos de Letras no país. Foi publicado pelo CFE numa brochura intitulada *Curriculos dos Cursos Superiores*, Rio de Janeiro, s/d (separata de *Documenta*, n.ºs 10 e 11), pp. 63-67. Por ocasião do “Simpósio sobre a Estrutura das Faculdades de Filosofia”, celebrado em Brasília de 13 a 15 de fevereiro de 1963, apresentou o Prof. Aryon Dal’Igna Rodrigues uma oportuna comunicação, denominada «Sugestões de Medidas Relacionadas à Inclusão de Linguística no Currículo Mínimo de Letras»; este e outros documentos relativos ao Simpósio serão publicados na revista *Didática*, desta Faculdade. Os interessados em reservar exemplares do número respectivo devem dirigir-se à Cadeira de Didática Geral, Caixa Postal, 420, Marília.

(3) Jorge Moraes Barbosa publicou uma tradução desta obra, editada em Lisboa pela Livraria Sá da Costa, 1964.

Sprachwissenschaft, Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart, München, Verlag Karl A. Freiburg, 1955. Deve-se também esclarecer o aluno quanto ao instrumental básico de trabalho, tal como os dicionários lingüísticos (F. L. Carreter — **Dicionário de Términos Filológicos**, 2.^a ed., Madrid, Gredos, 1962; J. Marouzeau — **Lexique de Terminologie Linguistique**, 3ème. éd., Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1961; Mario Pei e F. Gaynor — **Dictionary of Linguistics**, New York, Philosophical Library, 1954; J. Mattoso Câmara Jr. — **Dicionário de Filologia e Gramática**, 2.^a ed. ref., Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1964; J. Vachek — **Dictionnaire de Linguistique de l'École de Prague**, Utrecht/Anvers, Comité Permanent International de Linguistes, 1960) + e, repertórios bibliográficos (do qual o mais importante é a **Bibliographie Linguistique** editada pela citada Comissão Permanente Internacional de Linguistas desde 1949, e que conta atualmente 13 volumes publicados; o último saiu em 1962 e resenha trabalhos elaborados em 1960).

Bem que gostaria de insistir na necessidade de um contacto diuturno com as revistas especializadas, mas o conhecimento de nossa realidade neste particular mo impede. O aluno bem intencionado, todavia, pode manter-se a par dos artigos publicados nessas revistas consultando as comunicações dos respectivos sumários, como as que publica o **Boletim de Estudos Clássicos** de São Paulo (enderço: Cadeira de Língua e Literatura Grega da FFCL da USP, Caixa Postal 8105, São Paulo) e esta revista. Ambos os periódicos fornecem pelo preço do custo microfímes dos trabalhos ali noticiados. E a Biblioteca do Congresso de Washington realiza neste setor uma atividade muito eficiente.

II) Após essa informação mais geral da Ciência da Linguagem, seria oportuna uma apresentação das principais correntes lingüísticas, que faculte ao estudante um relativo à vontade com respeito à variedade de métodos que verá refletidos nas obras de consulta. Não se trata propriamente de historiar a Lingüística, assunto que terá sido tratado na primeira

(2) No artigo que escrevi de parceria com o Prof. Enzo Del Caratore — "Considerações sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira e suas Relações com a Terminologia Latina", publicado na coleção *Estudos*, n.º 1, FFCL de Marília, 1965 faço algumas considerações sobre esses dicionários.

parte, senão de apresentar as correntes lingüísticas atualmente em conflito e que exerçam influências nas pesquisas em curso.

O êxito desta porção do programa só poderá ser assegurado caso o aluno seja levado diretamente ao exame dos textos fundamentais, escolhidos pelo professor, traduzidos e mimeografados. Este é o procedimento normal das grandes universidades e sua aplicação no Brasil me parece tanto mais importante quanto sabemos das dificuldades de obtenção da bibliografia requerida.

Não é fácil selecionar as correntes de maior influência nos estudos lingüísticos da atualidade; entretanto, sendo o objetivo primeiro do curso aparelhar os alunos no essencial, parece-me suficiente reduzir aquelas correntes a três, simplificando um pouco as coisas:

1. Historicismo: o método histórico-comparativo. A. Meillet — *La Méthode Comparative en Linguistique*, Oslo, 1925. Sobre a retomada do método e sua vitalidade, Theodoro Henrique Maurer Jr. — “O valor e as limitações do método comparativo na reconstrução do latim vulgar”, in *O Problema do Latim Vulgar*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1962.

2. O método psicológico e sua concepção da linguagem como entidade irracional, afetiva. Bastante relacionada com certas noções de H. Bergson, B. Croce e W. von Humboldt, ligam-se a esta corrente, entre outros, C. Bally, que chamou a atenção para o estudo de elemento afetivo na linguagem (“*Mecanisme de l'Expressivité Linguistique*”, in *Le Langage et la Vie*, 3ème. éd., Genève, Droz, 1952), Leo Spitzer e Karl Vossler, mais voltados para uma compreensão idealista dos fatos da linguagem (Leo Spitzer — *Lingüística e Historia Literaria*, 2.^a ed., Madrid, Gredos, 1961; Karl Vossler — *Filosofia del Lenguaje*, Madrid CSIC, 1940; Sílvio Elia — “O Idealismo Lingüístico”, in *Orientações da Lingüística Moderna*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955 (sobre Vossler). 5.

(5) Esta inclinação tem exercido grande influência nos estudos de sintaxe e constitui praticamente o fundamento de destacados membros da Escola Lingüística Espanhola, Dámaso Alonso à frente: cf. Julio Garcia Marejón — *Los Límites de la Estilística*. Assis, Publicações da FFCL, 1961, p. 65 (— o papel da afetividade e da intuição nos estudos de Dámaso Alonso).

Deve-se assinalar, por fim, que a Psicologia lingüística marcou fortemente o interregno entre o Historicismo e o Estruturalismo.

3. O pensamento de F. de Saussure; examinar-se-ão aqui as noções fundamentais contidas no **Cours de Linguistique Générale**, sublinhando-se a seguir as novas tendências inspiradas ou provocadas por êle 6:

a) A Estilística, como estudo da **parole**; uma das mais jovens disciplinas lingüísticas, a Estilística está atualmente cindida em dois campos: o da Estilística Lingüística ou Descritiva (C. Bally, J. Marouzeau, M. Cressot) e o da Estilística Literária ou do Indivíduo (Dámaso Alonso e sua Escola); v. Pierre Guiraud — **La Stylistique**, Paris, PUF, 1961 (Coleção “Que sais-je?” n.º 646).

b) A Onomasiologia como estudo da função e das formas lingüísticas que ela reveste: Kurt Baldinger — “Sémasiologie et Onomasiologie”, in **Revue de Linguistique Romane**, XXVIII (1964), 249-272 7. Exemplos da aplicação desse método devem ser considerados em seminário; no campo do léxico, Karl Jaberg — “Géographie Linguistique et Expressivisme Phonétique: les noms de la balançoire en portugais”, in **Revista Portuguesa de Filologia**, I-1 (1947), 1-44 8; no campo da sintaxe, o trabalho inspirador de Marie-Louise Müller-Hause — **La Mise-en-Relief d'une Idée en Français Moderne**, Genève, Droz, 1943; Maria Germina do Nascimento — “Orações e Expressões não-conjuncionais

(6) Não se deve esquecer o prólogo com que Amado Alonso enriqueceu a tradução espanhola do *Cours*, publicada em Buenos Aires pela Editorial Losada, em 1945.

(7) Uma tradução deste e de outros artigos do notável lingüista suíço será publicada nesta revista; trata-se de trabalhos apresentados por Kurt Baldinger em Marília, sob forma de conferencias, por ocasião de sua estada no Brasil (1963).

(8) Manuel de Paiva Boléo e Serafim da Silva Neto enriqueceram o trabalho de Jaberg, escrevendo apêndices que foram publicados, respectivamente, na mesma revista e número, 45-58, e na *Revista Brasileira de Filologia*, II — 1, 41-50. Da importância do método onomasiológico, particularmente no campo do léxico, fazem prova os trabalhos de M. C. Múrias de Freitas, Delmira Maçãs, Angela M.A.S. Oliveira, F. e Almeida Lemos, Jonannes Hubschmid, Heinrich Bunse, Wilhelm Giese e outros, artigos publicados na *Revista Portuguesa de Filologia* e na *Revista Brasileira de Filologia*.

da Condicionalidade”, in **Boletim de Filologia**, X (Lisboa, 1949), 257-275.

Um interessante tema para debates seria a determinação das nascentes do método onomasiológico. Até que ponto exerceu influência o método aplicado por F. Brunot em seu **La Pensée et la Langue**, que partiu de uma perspectiva filosófica?

c) O surto da Lingüística Descritiva, aplicada na América inicialmente ao estudo das línguas indígenas (vejam-se na bibliografia do Prof. Matos os números 1, 2, 3, e 5).

d) O Estruturalismo e a compreensão da língua como um sistema; como exemplo disso, o conceito de fonema formulado por N. S. Trubetzkoy, — **Principes de Phonologie**, Paris, Klincksieck, 1957; ver também de A. Martinet — “Structural Linguistics”, in **Anthropology Today**, Chicago, The University of Chicago Press, 1953, pp. 574-586.

e) Talvez se possa localizar na disputa entre o Historicismo e o Estruturalismo a feição mais característica da moderna Lingüística; daqui a importância de posições como a de Walther von Wartburg, que tem demonstrado com as duas visões antes se completam que se excluem: “Relaciones Mutuas entre la Lingüística Histórica y la Lingüística Descriptiva”, in **Problemas y Métodos de la Lingüística**, Madrid, CSIC, 1951; veja-se também seu livro, sugestivo desde o título, **Évolution et Structure de la Langue Française**, 5ème. éd., Berne, Éditions A. Francke S. A., 1946. Situa-se na mesma linha o estudo de A. Martinet — “Linguistique Structurale et Grammaire Comparée”, in **Travaux de l’Institut de Linguistique**, Paris, Klincksieck, vol. I, 1956, pp. 7-21.

É provável que este panorama seja simplista e omisso. Creio porém que habilitará o estudante a compreender melhor e mais rapidamente a posição em que se acham muitos dos autores que deverá consultar em outras cadeiras de língua.

III) Nesta terceira parte do programa, deverão transmitir-se ao aluno dados sobre a estrutura da linguagem: Fonética,

Morfologia, Sintaxe e Lexicologia. Qualquer que seja a natureza dos programas ministrados nas outras cadeiras de língua, dificilmente se fugirá a êstes quadros, donde sua oportunidade. Executar-se-á a tarefa mediante o estudo dos três níveis da linguagem — o fonema, o morfema e o sintagma —, para o que serão de grande valia livros de Linguística Geral como os de A. Martinet e Mattoso Câmara Jr.

Quanto ao outro aspecto do curso de Linguística, ou seja, o aprofundamento de determinadas questões após esta iniciação, é problema que só pode ser resolvido à vista dos recursos existentes em cada Faculdade; importa insistir, e o faço concluindo estas notas, no perigo que representa a organização de um curso precocemente especializado, procedimento que poderia anular tôda a validade da Cadeira de Linguística.

Ficamos agora no aguardo do pronunciamento dos colegas, oferecendo nossa revista para a publicação das comunicações que nos forem enviadas.

ATALIBA T. DE CASTILHO